

# Nascer indígena? Saberes e práticas da gestação, parto e nascimento.

Universidade Federal de Minas Gerais  
Escola de Enfermagem  
Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública

Luiza Regina de Oliveira Infante  
Orientadora: Dra. Érica Dumont Pena

## Introdução

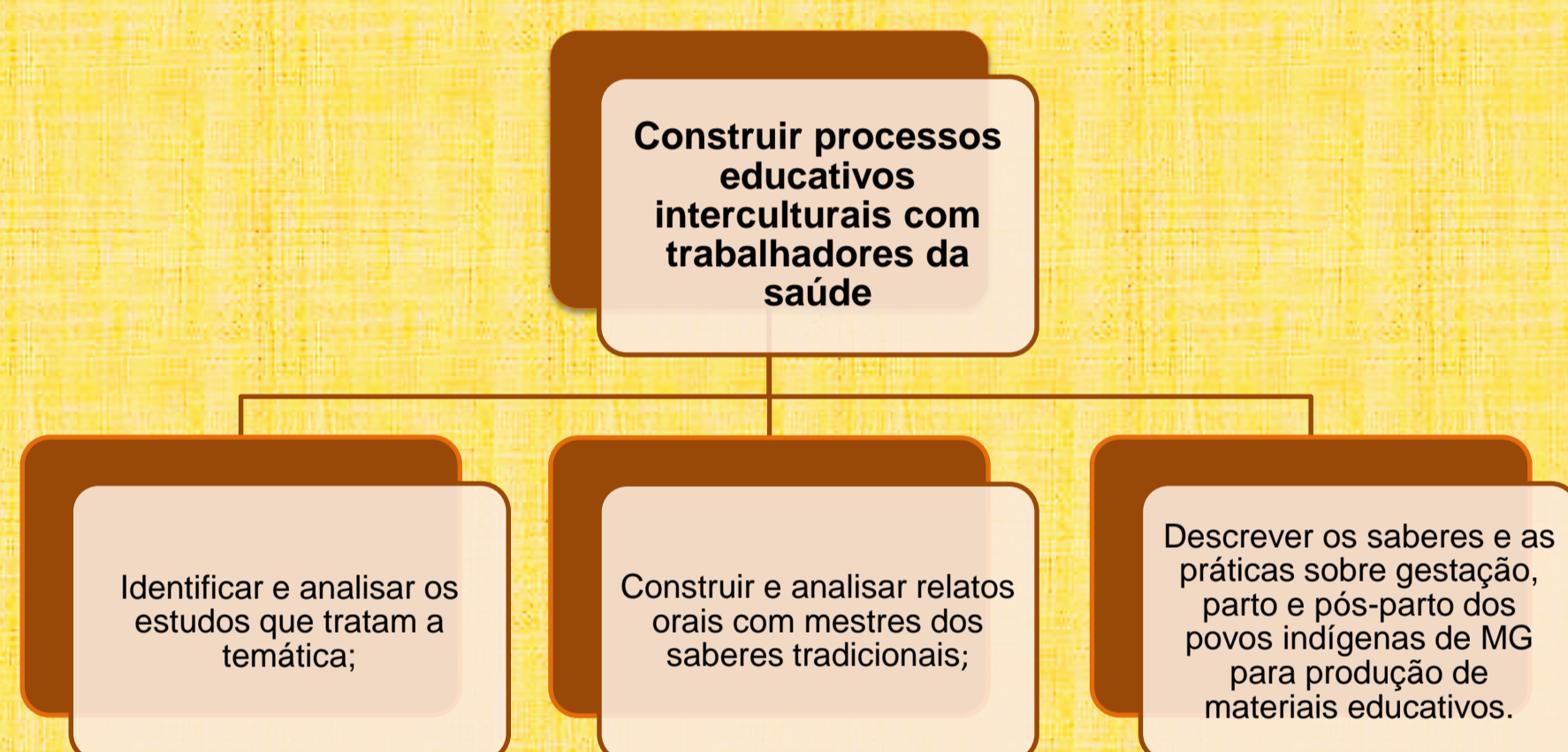
Esta pesquisa tem como objeto os saberes e as práticas relacionados à gestação, parto e nascimento dos povos indígenas de Minas Gerais. Focaliza estudos e relatos orais que tratam da concepção dos povos indígenas, das etnias Pataxó, Xabriabá e Maxakali, sobre as suas próprias práticas e símbolos.

Pesquisas anteriores (BRASIL, 2012a) evidenciam maior proporção de óbito materno e neonatal entre as populações indígenas do Brasil, os quais, também em maior proporção, estão relacionados a causas indefinidas ou inespecíficas. Dados que indicam pior qualidade da informação, resultante provavelmente de menor acesso à atenção à saúde de qualidade (BRASIL, 2012a).

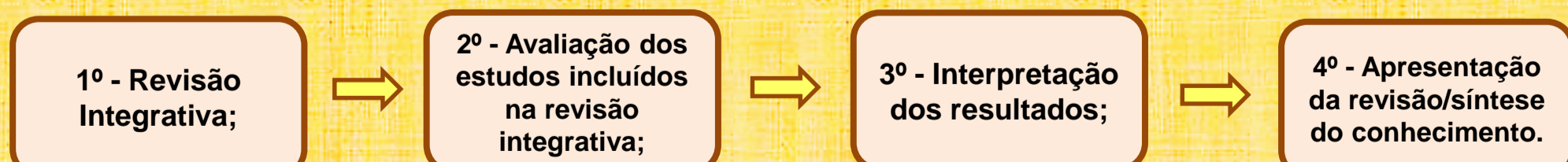
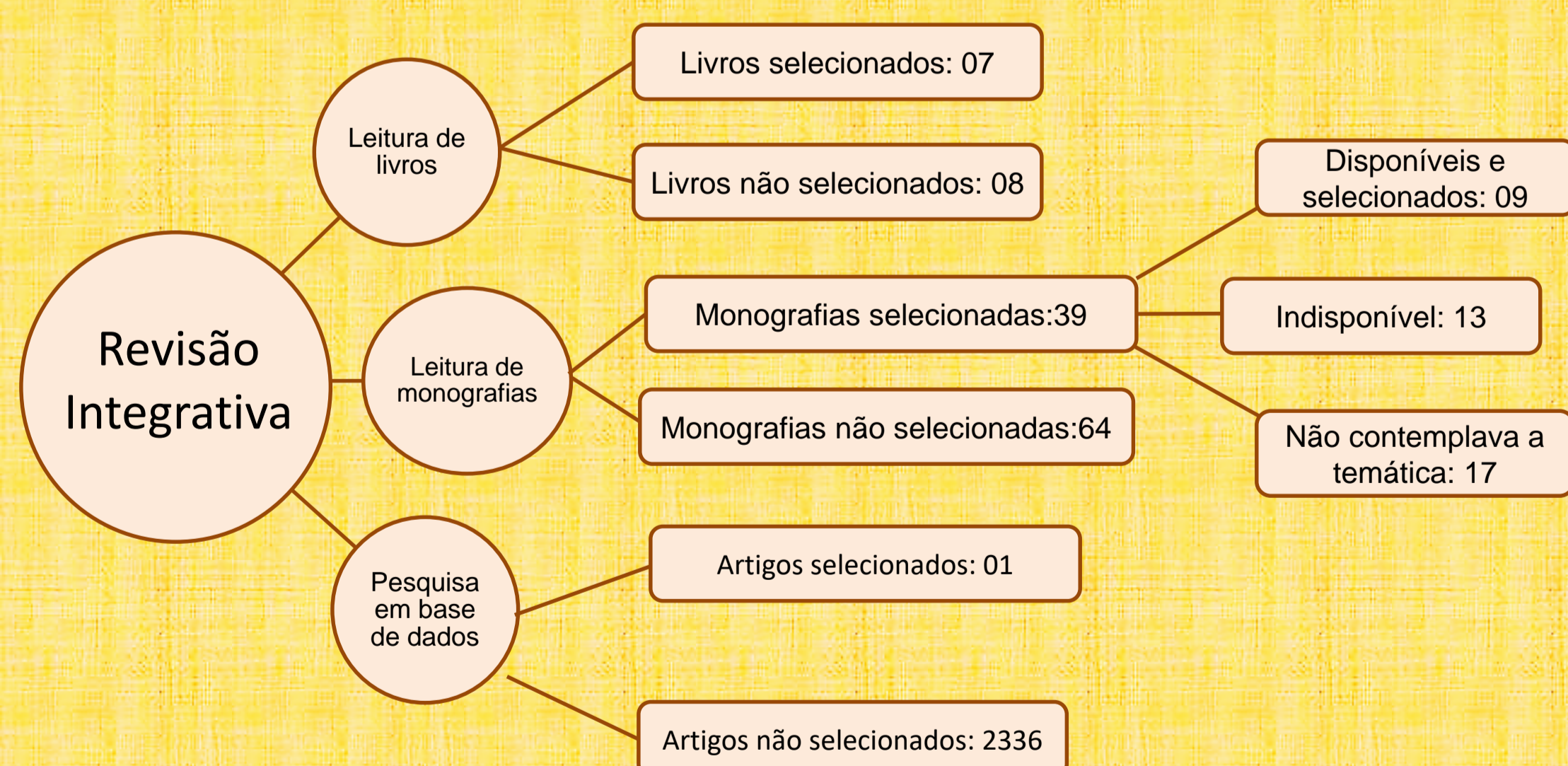
Uma criança indígena tem três vezes mais chances de morrer antes de um ano de idade que uma criança não indígena. (UNICEF, 2014)

Apesar da noção de interculturalidade presente nas políticas de saúde indígena e da mulher, o desconhecimento e a tensão entre as práticas e saberes tradicionais indígenas ainda perpassa o cotidiano de saúde pública de forma contundente. Da mesma forma, os(as) profissionais da saúde não indígenas têm tanto o seu percurso histórico, quanto de formação, marcados por um profundo desconhecimento acerca dos povos indígenas e seus complexos processos de nascer.

## Objetivos



## Metodologia



## Resultados

A partir dos dados coletados foi possível analisar os saberes e as práticas presentes no modo de viver das etnias selecionadas.

### Maxakali

#### Gestação

- Na descrição do pré-parto do povo Maxakali evidenciamos os relatos sobre de saúde com a mulher grávida, a qual não pode ficar perto de pessoas que foram picadas por cobras, pois pode acabar provocando o óbito do ferido e do bebê. Além, de relatos que explicam quais são as posições que a mulher pode ficar para não prejudicar o bebê, para não ter consequências. "Uhex, quando está grávida, não pode se banhar virando cambalhota, porque o neném fica atravessado na barriga; não pode dormir de barriga para cima, só de lado, porque o neném fica sentado; não pode desfiar a bola de linha de embaúba, porque o umbigo do neném enrola no pescoço dentro da barriga da mãe e demora a nascer; também não pode pegar peso, para não estourar as veias. Essas coisas a gente evita, porque o neném demora a nascer, e, então o médico vai querer fazer cesária" (MAXAKALI, 2008 p.67-68).

#### Nascimento

- Na descrição do processo do parto os relatos mostraram que há presença da parteira e do marido desde o início do trabalho de parto ao iniciar as dores das contrações. Que seguem rituais como o banho com água e sal, óleos para cicatrização do umbigo, a posição de cócoras e a oferta de alimentos. Os familiares e amigos são autorizados a entrar apenas após a criança já ter nascido com o intuito de acompanhar a mulher. As mulheres recebem atendimento médico em um hospital caso haja complicações do parto. Elas são levadas pelos seus maridos até a cidade onde fazem rituais para que fiquem bons. Acreditam que após realizarem cesárea o nascimento de novos filhos fica prejudicada.
  - "Quando a mulher sente dor, primeiro ela conta para o marido dela. Ele conta para a parteira. A parteira vem e faz o parto. Se demorar sair a criança ela chama o pajé. O pajé vai fazer pajelança e fala: Nasce rápido para sua mãe descansar" (MAXAKALI, 2013 p.57).
  - "Se houver alguma complicação no parto, então o marido leva a mulher para o hospital na cidade e faz ritual para o seu yãmíy para eles ficarem bons" (MAXAKALI, 2013 p.60).

#### Resguardo

- Os relatos evidenciaram que o resguardo dura 40 dias, e são vividos entre a mãe e o pai. Há restrições na alimentação, posições para dormir, se coçar com a unha – apenas com um pau-, para evitar a entrada de espíritos ruins. Além, de ter intervalo de 2 anos a cada gestação para não faltar leite para o filho mais novo. É importante ressaltar a relação desse povo com a água que é um elemento terapêutico para esse povo, com isso, ao tomar banho no resguardo é preciso conversar com a água

### Pataxó

#### Gestação

- Com o material selecionado, mostrou que: "O anu-preto serve para fazer simpatia quando a mulher grávida está com enjojo. Cozinha ele na água e sal ou assa e dá para a mulher comer sem ela ver e saber" (PATAXÓ, 2012 p.30).

#### Nascimento

- Com base nos relatos analisados, durante o parto é realizado banhos com artimiço, folhas de algodão e mentrasto, que são cozinhados juntos. Além do uso de saruê fêmea, para a mulher grávida comer, sem saber, assim a mulher não vai sentir dor para ganhar neném. Além de evidenciarem que na lua cheia a dor do parto, é mais acelerada e os meninos que nascem nessa lua, nascem fortes. E na lua minguante, a mulher custa a ganhar a criança, a dor do parto é muito devagar e preguiçosa. E mostra a importância do uso da cabaça, em que a mulher a sopra para facilitar a saída da placenta, no parto complicado.

#### Resguardo

- Os relatos demonstraram que: "A mulher não pode comer qualquer alimentação, como é de costume para os indígenas. A mulher não pode comer qualquer galinha, tem que ser galinha caipira do pé amarelo e não pode ser galinha do pé branco, porque é um veneno pode dar infecção na mulher e é ariscado a mulher quebrar o resguardo. Não pode varrer casa antes de completar um mês porque se não a mulher fica com o útero baixo quando ela chega para a idade ela vai sofrer os problemas" (ARAÚJO, 2017 p.36).

### Xakriabá

#### Gestação

- Na descrição obtida, o povo Xakriabá descobre o sexo da criança cortando o coração da galinha e colocando para cozinhar junto com a carne, é necessário fazer todo o procedimento pensando no sexo da criança, se o corte abrir, é mulher, se ficar fechado, é homem. Esse processo pode ser utilizado se na hora que está costurando, se chegar mulher, é porque vai ser mulher, e o mesmo ocorre para o contrário. Há também certas restrições alimentares:
  - "Quando a mulher está grávida, não pode comer beiju de tapioca, senão cola a placenta e o bebê não sai" (PROFESSORES E ALUNOS INDÍGENAS DA ALDEIA MUÁ MIMATXI, 2012 p. 58).

#### Nascimento

- Com a descrição do nascimento Xakriabá foi evidenciado que durante o parto é dado para a mulher em trabalho de parto pena de galinha-arrepiada torrada e misturada com água, ou gergelim preto, para acelerar o nascimento. O parto é realizado com a parteira que detém todos os saberes sobre essa prática, assim, realizam benzimentos, remédios naturais para facilitar o nascimento e promover a saúde da criança.
  - "De acordo com o trabalho prestado pelas mulheres para com a outra mulher era muito gratificante, tanto e que as mães ensinam as crianças desde pequena chamar a outra mulher que ajudou na hora do parto de "mãe velha" ou então "iaia". As vezes da a criança para a outra mulher batizar, tudo isso em forma de consideração a parteira" (OLIVEIRA, 2015 p. 36).
  - "A criança, na hora que nasce, precisa tomar uma colher de azeite de mamona para limpar o intestino. Com isso, vai ser difícil ela ter bronquite, asma e outras doenças de respiração ou de estômago" (PROFESSORES E ALUNOS INDÍGENAS DA ALDEIA MUÁ MIMATXI, 2012).

#### Resguardo

- Os relatos demonstraram que no pós-parto as mulheres Xakriabá tem restrições alimentares, como: não podem comer feijão nem arroz durante três dias, só pode comer pirão de galinha com farinha de mandioca, ao meio-dia, a noite, come farofa.; Só pode comer mais de uma vez ao dia depois de um mês; Também não pode beber água dormida e tampar a panela de comida; Só pode comer na hora que tirar do fogo, porque, se passar tempo, a comida fica choca; E o café também só bebe na hora que faz. Além de não poder sair de casa antes de três dias depois do parto, e quando puder sair, deve colocar algodão no ouvido com pano da cabeça, porque a mulher não pode escutar muito barulho e vento entra no ouvido, dá dor de cabeça e zoeira no ouvido. E há uma forte ligação com parteira, demonstrada no seguinte relato:
  - "No sétimo dia, a parteira que cuidou da mulher tem que dormir na casa da mulher. A parteira não pode pegar em água fria, porque ela faz os remédios finos. Lava a mão com pinga, álcool ou água morna" (PROFESSORES E ALUNOS INDÍGENAS DA ALDEIA MUÁ MIMATXI, 2012).

## Conclusão

Com base no que foi apresentado, é perceptível que há uma produção significativa feita pelos próprios indígenas *Essas obras evidenciaram os saberes locais, descrevendo os modos de viver que explicitam suas características específicas, abordam os cuidados com o corpo nos períodos de gestação, nascimento e resguardo, e a relação desse povo com animais, plantas e objetos e sua ligação com a evocação da força a partir desses, os quais rompem com o exotismo associado aos indígenas.* Dessa forma, as técnicas de partejar são próprias de cada povo, sendo compostas a partir dos diversos elementos materiais e simbólicos desse mesmo. Uma vez que as técnicas do corpo são aprendidas por meio da educação das necessidades e das atividades corporais desde a infância. Compreende-se que com a valorização e respeito dos saberes tradicionais, é uma maneira efetiva para alterar a significativa incidência de mortalidade materna e neonatal nas populações indígenas. Assim, este trabalho buscar potencializar o diálogo intercultural entre trabalhadores da saúde e povos indígenas.

## Referências

- MAXAKALI, Índios. Hitupmã'ax: curar/Rafael Maxakali [et al.]. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG; Cipó Voador, 2008.
- Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Agenda pela infância: 2015-2018. Brasília, DF: Unicef, 2014.
- DINIZ, C.S.G. Entre a técnica e os direitos humanos: possibilidades e limites da humanização da assistência ao parto. Tese. São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2001.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. Mortalidade materna no Brasil: principais causas de morte e tendências temporais no período de 1990 a 2010. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. Saúde Brasil 2011 : uma análise da situação de saúde e a vigilância da saúde da mulher. Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2012, p345- 359.
- A nossa crença com a Vovó Lua. Professores e alunos indígenas Pataxó da aldeia Muá Mimatxi. Belo Horizonte: Literaterras, FALE, UFMG, 2012
- ARAÚJO, Anide et al. Nem tudo o que se vê se fala: ciência, crença e sabedoria Xakriabá. Belo Horizonte: Literaterras - FALE/UFMG, 2013.
- OLIVEIRA, Miranda F. A História Xakriabá contada a partir da história de vida das mulheres. Belo Horizonte: FIEI-FALE/UFMG, 2015.